

COMMERCIO DO MINHO

4.º ANNO 1876

FOLHA COMMERCIAL RELIGIOSA E NOTICIOSA

NUMERO 467

Assigna-se e vende-se no escriptorio do EDITOR E PROPRIETARIO José Maria Dias da Costa, rua Nova n.º 3 E, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia franca de porte.—As assignaturas são pagas adiantadas; assim como as correspondencias de interesse particular. Folha avulso 10 rs.

PUBLICA-SE

ÁS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

PREÇOS: Braga, anno 1\$600 rs.—Semestre 850 rs.—Provincias, anno 2\$400 rs. e sendo duas 4\$000 rs.—Semestre 1\$250 rs.—Brazil, anno 3\$600 rs.—Semestre 1\$900 rs. moeda forte, ou 8\$000 reis e 4\$500 reis moeda fraca.—Anuncios por linha 20 rs., repetição 10 rs. Para os assignantes 20 % d'abatimento.

BRAGA — SABBADO 11 DE MARÇO

Londres, 2 de Março de 1876.

(A' redacção do «Commercio do Minho»)

As folhas d'aqui, segundo as communicações de Paris, dizem que D. Carlos vem para Inglaterra—e não admiraria que a estas horas elle tenha desembarcado em algum porto das prayas Inglezas. Dizem tambem, que elle vem aqui «pagar as suas dividas», e outras cousas assim, que todas creio falsas.

A vinda para este *refugium peccatorum*, d'esta vez não me parece voluntaria. Pois elle não quereria ir para a Suissa, para a Italia, para a Alemanha; só a porta da Belgica das continentes, lhe ficaria aberta, mas, naturalmente, não havia de querer ir para um pequeno paiz, tão perto da Prussia, e onde—sendo como uma aldeia, na sociedade das nações, havia de estar muito mais exposto a ser observado e incommodado, em seus movimentos, e procedimentos quaequer. De resto, como eu disse a seu Avô D. Carlos V, em 1834, quando, em Portsmouth, a bordo do *Donegal*, que ahi o trouxe, me perguntou, onde conviria que fosse? Eu lhe respondi: Que, apesar de tudo, era em Londres que poderia estar mais livre e á sua vontade. E tomou o meu conselho.

A. R. SARAIVA.

Londres, 11 de fevereiro de 1876.

(A' redacção do «Apostolo».)

I. — Ha poucos dias, o *Times*, n'um d'aquelles artigos vaidosos, onde, *ex abundantia cordis*, transpira, ás vezes, um tanto imprudente, o orgulho Britânico, dizia (em um de seus directivos) como de passagem, e como coisa que estava na ordem regular dos acontecimentos previstos, que no fim d'este século, em toda probabilidade, a Inglaterra havia de estar senhora de quasi toda a superficie do Globo.

Os acontecimentos que, desde o principio do mesmo seculo temos visto, tornam probabilissima a realisação d'aquella basofia; realisação que a Inglaterra, se a coisa vem, como é mui provavel, a verificar-se, que a Gram-Bretanha deve principalmente agradecer ás loucuras da Peninsula Ibérica, e sobre tudo ás de Portugal e do Brazil; que, se tivessem um pouco de juizo, estavam talhados pela Providencia para disputarem á Inglaterra tão orgulhosa pertençação.

O espirito servil, porém, dos «liberaes» (isto é *Liberangas*) de Hispanha, e mais ainda de Portugal e Brazil, ajoelhados ante o *Bezerro-de-ouro* que tem seu templo e santuario nas margens do Tamisa, deixaram-se captivar pelas blandicias da Sereia Britânica e da Maçonaria, e destruíram a base, o fundamento do Poder, que um pouco de juizo, de génio, e de patriotismo verdadeiro, houvera tornado o competidor—não quero dizer o rival—do predomínio Inglez.

Os fundamentos que nossos heroicos antepassados haviam lançado,—descobindo, dominando, christianizando, civilizando, o maior e melhor das margens e das ilhas do Atlantico; com o extenso e rico senhorio que possuíamos ainda nos mares e terras do Oriente; juntos á mais vantajosa posição geographica do *Reino Unido de Portugal, Brazil e Algarves*; com as extensissimas (e quasi *ad infinitum* extensíveis) Possessões Africanas,—tudo offerecia o mais esplendido, e magnifico fundamento para um Estado, em physicas proporções quasi, ou de tudo,

sem igual. A maçonaria, o materialismo, o egoismo, o liberanguismo, a baixa adulação á Inglaterra, deram, com tudo isso em Pantana; reduzindo Portugal a uma casa de Orates, e o Brazil a uma gorda vacca, de que a Inglaterra goza a nata e a melhor manteiga do leite.

Quando Portugal (que então significava o Reino com suas Possesões—de facto se não ainda de nome—o *Reino Unido de Portugal, Brazil e Algarves*, com seus outros dominios) suppriu, principalmente, a Europa do primeiro dos metaes preciosos durante o século XVIII, mineiravam no Brazil os Portuguezes e Brazileiros (*Portuguezes* todos então); extraíam-se o rico metal, espalhava-se gradualmente pelo mundo, augmentando o supprimento d'esse tão essencial meio circulante e representante de todos os valores (physicos e commerciaes). Não se precisava então nem a industria, nem o trabalho, nem mesmo o capital Britânico, para produzir esses effeitos; Portugal e o Brazil (que eram um) eram ricos e respeitadas—e *cubiçados* infelizmente!

Veio o reinado dos Roevidos, D. Rodrigo—da quem meu Pae dizia, um dia, a um seu parente d'elle D. Rodrigo:—«Pelo coração do senhor D. Rodrigo, poria a minha cabeça; pela sua cabeça não «punha cinco-reis.» O Conde do Fuochal, Embaixador em Londres longo tempo depois Palmella, que, com o titulo de Embaixador, fazia em Londres quasi de Vice-Rei de Portugal; e já seu pae, D. Alexandre de Sousa, tinha sido tambem outro membro da Roevidade na Diplomacia Portugueza. Em 1827, o Conde de Villa-Real (Roe-vides por afinidade) foi mandado Embaixador para Londres, para substituir Palmella. Este, em vez de obedecer ás ordens da Regente, a Senhora D. Izabel Maria, não quiz deixar a Embaixada (seu vice-reinado), e mandou a Vienna o dito Conde de Villa-Real, para espiar e espionar o Senhor D. Miguel, em sua jornada de Vienna para Portugal no principio de 1828.

Durante esse fatal reinado *Roe-vides*, fez-se logo o Tratado de 1810, por onde se entregou virtualmente á Inglaterra o commercio e influencia no Brazil; e se preparou a destruição do magnifico Imperio Lusitano ou Luso-Brazileiro; cujo embrião a Inglaterra, que vê ao longe, temia viesse, como podia, e devia, vir a disputar-lhe o dominio absoluto dos mares, que ella affecta e na realidade quasi possui já.

Acabada a guerra Peninsular, a nossa boa alliada, a Inglaterra, começou a mostrar-se muito solícita pelo regresso da Familia Real Portugueza para a Europa; que fim, que objecto tinha esse interesse? Havia quem insinuasse, o perigo que a independencia de Portugal corria de ser unida á Hispanha, se o Soberano e sua Familia continuasse a permanecer no Brazil. D. João VI não desejava regressar á Europa; achava-se muito bem na América, onde estava de todo acclimatado. Preparou-se então, pela revolução de 1820 a 23; que gosava das sympathias Inglezas, como bem se mostrou depois, e que teve por uma de suas consequências o favorito resultado, de afastar do Brazil o Soberano e Familia Real Portugueza, que alli a poderem consolidar o Imperio. Ao mesmo tempo, a conducta escandalosa e estouvada de Fernandes Thomaz e Companhia, para com os Depositados Brazileiros no Congresso de 1821, dando lugar a separação do Brazil, e destruição do *Reino Unido de Portugal, Brazil e Algarves*; era agoa de rosas em que a Inglaterra se lavava; ao ver assim suicidar-se o Estado que, muito mais até do que a França, podia vir a ser-lhe rival ao imperio que ella zelava e mais estimava conser-

var e monopolizar, o dos mares, e do commercio marítimo do mundo.

Não levo a mal á Inglaterra o assim olhar por seus interesses (so eu fosse Inglez faria outro tanto), salvo quando o faz por violencia, injustiça, ou fraude, como na infame Quadrupla Alliança de 1833; nas usurpações escandalosas perpetradas na India; no apoio, animação, e socorro dados a Garibaldi e ás usurpações Italianas, immoraes, traidoras, e sacrilegas.

A. R. SARAIVA.

(Continúa)

Irmãs da Caridade portuguezas

O que abaixo transcrevemos do «Commercio de Lisboa», jornal insuspeito, parece-nos vir de molde a desfazer qualquer apreciação menos justa, que porventura possa dar-se contra uma instituição aliás tão prolifica em obras de caridade.

Amigo redactor.—Eu sou d'aquelles liberaes, que entendem que a base de todos os bons principios e das melhores instituições que ligam as sociedades, é a verdade e a justiça. Só sobre taes bases é a liberdade que eu quero e que eu defendo.

Ha todavia quem, mal comprehendendo a genuina significação de taes principios, os julga irreconciliaveis com os laços do christianismo, e principalmente do catholicismo, e com todas as instituições levantadas sob a Cruz, nas maximas da caridade e do amor do proximo.

Em tão manifesto erro, impressionado com os falsos juizos que se aventam sobre a instituição das irmãs da caridade portuguezas em Lisboa, confesso, que não foi sem alguma repugnancia, que, cedendo a uma imperiosa necessidade, eu tive de abrir as portas de minha casa aos serviços d'aquella instituição, para me socorrer na grave doença, que acaba de arrebatar uma pessoa da minha familia.

A minha surpresa, porém, ante o modo verdadeiramente edificante, como observei ser a conducta das irmãs da caridade, o seu excessivo e inquebrantavel desinteresse, a sua invejavel e exemplar virtude, a sua solícitude caritativa, subiu de ponto, tanto quanto é a verdadeira admiração e o entranhado respeito, que hoje professo por essas creaturas de Deus, que em seu nome espalham com tanta profusão a crença e a fé, o amor do proximo e a sã caridade, em beneficios, que se não descrevem, mas que se experimentam com o reconhecimento e com o applauso de todos os mais intimos sentimentos d'alma.

Dizendo isto, como homem verdadeiramente liberal, como sincero amante dos progressos sociaes e dos mais santos interesses da humanidade, os factos a que me refiro me constituem, como homem de bem, no dever de protestar contra calumniosas insinuações, que se assacam ali contra as irmãs da caridade portuguezas; calumnias filhas sem duvida da má fé ou da ignorancia.

É este o unico meio de significar aquella instituição o reconhecimento que lhe devo, por mim e em nome da minha familia, já que os preceitos a que obedecem aquellas irmãs não consentem que lhes retribua de outro modo os serviços e cuidados, as vigílias e a caridade, que lhes devemos.

Rogo-lhe, snr. redactor, que publique esta carta, e assim praticará um acto de justiça, e penhorará quem é

De v. etc.

Manoel Pedro Gomes de Carvalho.

A Quaresma

Memento homo quia pulvis es et in pulverem reverteris.

Eis as solemnes e tocantes palavras com que a Igreja faz ver ao homem a sua humildade.

Que é o opulento da terra, o nobre, que vive em sumptuosos palacios e passa a vida em meio de prazeres e folias, cheio de ouro e coberto de luxo?

Pó. E que é o proletario, o mendigo, o miseravel, recostado em duas palhas, coberto de andrajos e sem um naco de pão para alimentar-se?

Pó. Nivelam-se assim perante Deus todas as classes, não ha gerarchias, nem distincções, nem nobresa, nem posições.

Ha o homem, o homem, que é pó, e que em pó hade tornar-se.

Nada mais expressivo, nada mais capaz de nos tocar no intimo coração do que as palavras da igreja, pronunciadas por um sacerdote, que lança sobre nossas cabeças um pouco de cinza.

Assoberba-se o orgulhoso, e despresa, olhando soberbeiro, o desgraçado que se roja a seus pés implorando uma esmola; mas entra no templo, e ante a face divina esquece os prazeres, as mundaneidades que o prendiam á terra, concentra o espirito e elevando os olhos a Deus aperta, sem pejo, em fraternal amplexo, o infeliz, que ha pouco menospresava.

Ali não ha rixas, nem odios; o homem vê no seu semelhante um irmão, e todos, bem-dizendo o seu Creator, amam-se mutuamente.

Oh! quão grande és tu, religião! quão sublime te apresentas a nossos olhos!

Que contraste!

Atoda ha puco tudo eram divertimentos, tudo galas e alegria; o homem ri e brincava em meio de mil ledos folgares, e parecia-lhe — triste illusão! — enlevado e cheio de entusiasmo, que tocara o zenith, o *supra-summum* da felicidade.

Imaginava da terra um Eden, e embebidono prazeres, julgava se ditoso.

Mas, um momento após, o quadro é bem diverso.

Já se não ouvem os cantos de jubilo, que ha pouco eccoavam no espaço; já não brilham os rostos com o fulgor do entusiasmo, nem se veem os purpureos vestidos de gala com que ha pouco todos se cobriam.

É que se esvaeceram as illusões, e o homem, já desvendado, vê a realidade, e compen-tra-se do seu nada.

Hoje, em vez do brillantismo do ouro, está a negrura dos crepes; em vez da alegria que transparecia nos semblantes, vê-se a tristeza estampada.

Chama-nos a Igreja á penitencia.

Lá dentro, no templo, o homem, dobrando o joelho sobre a dura lages da nave, e levantando as mãos aos ceus, chora constricto os seus delictos e implora de Deus um raio da sua infinita misericordia.

É o que nos cumpre a todos fazer.

É mister purificarmos no crysol da penitencia a alma das nodosas que a mancham.

É preciso expiar os nossos crimes e implorar o perdão de Deus.

Ao templo, pois: caíamos de joelhos aos pés do ministro de Deus e sinceramente constrictos e debulhados em lagrimas, curemos ali as nossas feridas, com firme proposito de emenda.

Porque o mundo é cheio de enganos, a vida um momento, e além da campa espera-nos, ou um futuro de fecidade eterna e gozos indizíveis, ou um tempo infinito de penas e tormentos.—Atalaia

NOTÍCIAS ESTRANGEIRAS.

Vae-se aclarando o misterio que tem velado as causas da defeccção dos carlistas. Uma carta que a «Nação» publica, e que em seguida transcrevemos, vem em certo modo confirmar as suspeitas que ha dias deixamos entrever n'este logar. No entanto diremos que vamos fazer a sua transcripção, mas com a precisa reserva. Daremos em seguida as proclamações do sr. D. Carlos.

Segue a carta:
Hoje, 4 de março.

Não fazem vv. ideia do que soffro quando considero o nosso magno exercito de 50:000 homens, que não tendo perdido uma só batalha, desapareceu com as suas 50:000 espingardas, mais de cem peças d'artilheria, etc., etc., e o que mais me mortifica é não ter aquelle exercito sido vencido em boa lide, mas pela traição de quasi todos os liberaes que tinham passado para o campo carlista, até dos que estavam comendo á mesa do rei catholico, do rei magnanimo, do rei cavalleiro, que não merece uma nação tão fidalga em outro tempo, mas hoje tão cheia de traidores, que se vendem por um punhado de ouro, perdendo honra, fidalguia, consciencia, alma e quanto bom apreciavam os antigos guerreiros, como indispensavel para serem temidos e respeitados por leaes campeões.

Depois da defeccção do. Cabrera, dos Polos, Aguirres, Radas, e Casos, seguiram-se outros dos quaes por enquanto nomearemos Berris, antigo maçon. E o que é mais estiveram preparando e alimentando a traição ao lado do monarcha, sentados á sua propria mesa. Mogrovejo, chefe de estado maior general, Berris, ministro da guerra, e Iparraguirre, secretario regio, o venderam infamemente, e ao seu formoso exercito, sem dar um tiro, e só Lizarraga, o marquez de Valdespina, Caserta, Perula e poucos mais lhe permaneceram fieis, entrando com elle em França, n'essa nação que tanto contribuiu para a ruina do partido carlista.

Como são admiraveis os juizos do Senhor! Como se comprehende que um rei, que á frente de um exercito pouco numeroso, porém obediente, leal e christão, que abandonára seus paes e mulheres para defender a Religião de Jesus Christo; que um rei que bondosamente tratava os seus muitos adversarios prisioneiros, tenha sido vencido pelo seu antagonista, á frente de um exercito, numeroso sim, porém..... mas basta, humilhemo-nos ante os decretos da Providencia...

Proclamações de D. Carlos

«Voluntarios!

As ultimas operações militares obrigaram-nos a retirar de cidades e posições importantes d'estas provincias. Mas, esmagados pelo numero, d'estes sanguinolentas provas do vosso valor.

Não posso pactuar com o inimigo, porque não seria digno. Não quero por agora continuar a guerra: amo-vos muito para que permitta que se derrame inutilmente uma só gota do vosso sangue, e por isso resolvi deixar a Hispanha.

O exito adverso não diminue a nobreza do empreendimento nem empana os heroicos feitos praticados para a levar a bom termo.

Fostes dignos soldados de minha raça real, e fostes tambem dignos das façanhas executadas convosco durante a primeira campanha. Os nomes das nossas victorias estão insculpidos em letras scintillantes em nossa immortal historia. O meu orgulho d'hispanhol cresce á vista do vosso valor, e o meu coração de rei sente-se reconhecido a tanta abnegação e sacrificios.

Estou vencido, mas não rendido.

Mantenho inteiros e intactos os meus direitos, e, involto na minha bandeira, sempre me encontrareis prompto a sacrificar a minha vida pela felicidade d'Hispanha.

Vosso rei e general,

CARLOS.

Vál-Carlos, 28 de fevereiro de 1876.

Hispanhoes!

Desejoso de deter hoje a effusão de sangue renunciei a continuar uma lucta gloriosa, é verdade, mas por agora estéril. Se sou constrangido a ceder á força das circumstancias, nem o meu coração

enfraqueceu, nem a minha fé está abalada, e guardo intactos os meus direitos da legitimidade em Hispanha. Diante da grande superioridade do numero, e mais ainda, diante dos soffrimentos dos meus fieis voluntarios, contra quem tudo se tinha conjurado, é uma necessidade para mim metter a espada na bainha. Seguindo as tradições da minha familia conhecerei o caminho do exilio, mas nunca poderei prestar-me a *Convenções* deshonrosas e desleaes, contrarias á dignidade de quem tem como eu a consciencia do que significa e do que representa.

Conheceis os principios sagrados que simbolisa a minha bandeira sem macula. —Durante que eu os sustentava com mão firme, á testa dos meus batalhões, vi cair uma monarchia estrangeira e a republica implantada na nação hispanhola, e posto que o successo não tenha coroado meus esforços não é uma razão para que o poder de nossos inimigos se enraize, porque as obras da revolução estão destinadas a morrer pela obra mesmo da revolução.

A minha bandeira fica pois enrolada, até que Deus fixe para a Hispanha Catholica e monarchica a hora suprema da redempção que não póde faltar de estar marcada nos designios da Providencia, depois de cumpridos tantos sacrificios. Hoje, como sempre, tenho fé na obra da salvagão, para a qual esta Providencia me destina, hoje, como sempre, estou prompto a imolar-me pela minha Patria, que amo com amor ardente e á qual devo tudo.

Vosso Rei,

CARLOS.

Paris, 1 de março de 1876.

AO MEU EXERCITO

Pizando de novo o solo estrangeiro, e com o coração ainda comovido por vossos dolorosos adenses, creio que o meu primeiro dever é dirigir uma palavra amiga áquelles que foram meus companheiros de armas. Testimunha de vossa coragem heroico em os dias do triunfo e da vossa abnegação, mais heroica se é possível na hora da adversidade, nunca a cara lembrança d'aquelles que me foram fieis até ao ultimo momento se poderá apagar de minha alma.

Todas as emprezas que sonhava em minha primeira mocidade nas terras do exilio, eu pensava que as poderia fazer com a vossa ajuda, vós as tendes cumprido. Montejurra, Somorrostro, Abarzuza, Ornieta, Lacar e tantos nomes já illustres são outros tantos passos feitos por vós no caminho da gloria, e gloriosamente seguidos por vossos irmãos de outras provincias. Desprovidos de tudo a vossa constancia supriu a tudo e nunca em face de vossos adversarios tendes contado o numero, nem medido a desproporção dos nossos recursos para chegar á victoria.

Se uma fé tão valente, uma tão nobre resignação se tem tornado infructiferas, não desaniméis.

Fazei como eu em face da desgraça e cheios de confiança no Deus dos exercitos, tornaes-vos dignos do nome que tendes adquirido, e esperae sempre nos destinos de uma patria que entre os seus mais humildes filhos conta hoje homens como vós. Descendentes d'estes antigos hispanhoes que á sombra do altar e do throno occuparam um tão alto logar na historia, será sempre para mim uma gloria que a desgraça nunca apagará o ter estado a vosso lado, do mesmo modo que a grande dôr é hoje o ter de separar-me de vós.

Vosso rei e general,

CARLOS.

Paris, um de março de 1876.

Villarinho da Castanheira, 7 de março de 1876.

(Do nosso correspondente).

Consta-nos, por informações de pessoa digna de todo o credito, que o grande patarata *Roque II*, vulgo Moraes Neves, nos havia abocanhado o nosso credito de correspondente imparcial e consciencioso n'um papelucho immundo, que sob o titulo de «Partido Liberal» se publica n'alguma espelunca de Coimbra, e que é o órgão auctorizado, do Ir. Otto, ou falando profanamente, Almeida da Cunha.

Este *pelitrapo* das lettras, o vosso *Roque II*, quiz pôr-nos pecha n'um jornal, onde aturam os seus dislates e despautérios pela mesma razão que na igreja se não prohibe a entrada aos gaiatos.

A ejaculação hibrida appareceu no «Partido Liberal». É uma empada, como são todas as d'este escrevinhador, n'aquella linguagem meada de *ervilhaca*, de que falla o nosso epico.

O publico d'estes sitios, que conhece a fundo a capacidade d'este parasita da nossa litteratura, poz logo o dedo no *pechelinque* de reputações, e persuadiu-se com um grande escriptor inglez, que um inimigo invejoso é um mal necessario. Nós bem o podiamos chacinar, mas temos medo que a tarantula esmagada nos espadane lama, que nos suge.

Bem basta ao escaravelho ter de alimentar-se toda a vida na immundicie. Tambem o nosso braço se cança de fustigar enxovêdos acarrentados ás ucharias da toleima. Deixemol-o ao parasita revolver-se no lodaçal em que se espoja, e lamentemos apenas as irreverencias á grammatica, que se dóe amargamente de ver impune a reincidencia d'este desentranhado, que já por varias vezes convertendo a penna em fueiro a tem abolido de chuchadas, como podiamos provar se analisassemos qualquer dos escriptos que apparecem no «Partido Liberal», com a sua firma acreditada. (E apesar de tudo serão do esgalracho?)

Mas não, não desceremos a este papel inglorio de eninar um ignorante d'esta laia, e contentar-nos-hemos com recomendar aos paes de familias de Carrasêda, que não mandem seus filhos á escola, enquanto a rege um rapazêlho falto de habilitação, ainda que inchado e pedante.

Este conselho alguns mais bem avisados já vão pondo em pratica, porque até nem me quero fazer cargo das cousas... que do mestre-escola dizem, porque a serem verdadeiras, só na Africa devia parar já.

Enquanto a alguns, que n'este conselho fazem côro com este gôso, não lhes ligo consideração, supposto que d'elles podera dizer bonitas cousas, que envergonhariam a moralidade publica; mas o desprezo é o que merecem estes analfabetos secundarios, porque o sapo tambem se esmaga com o tacão da bota.

A uns e outros applicamos uma quintilha de D. Francisco Manuel de Mello, para que fiquem sabendo o profundo desprezo que nos merecem, todas as vezes que o mastim de Belver sair a abocanhar no «Partido Liberal» a nossa reputação, que mercê de Deus, continua incolume e bem accete para todas as pessoas de bem.

Eis como fallava já D. Francisco M. de Mello no seu tempo:

Vejo tambem os mosquitos
Tamaninos um por um
Muito vão dos seus espiritos,
Não valem nada, os malditos,
E andam sempre, zum, zum, zum.

M. Almeida Barbosa.

GAZETILHA

Lausperenne.—Expõe-se hoje na igreja das Therezinhas, e segunda-feira no Collegio.

Nova capella.—Vão brevemente principiar os trabalhos para a construcção d'uma nova capella, no logar onde foi a degolação do Martyr S. Victor, e que vulgarmente denominam S. Victor-o-Velho.

O finado conego José Narcizo da Costa Rebelo deixou para este fim a quantia de 400\$000 reis, que seu irmão, barão da Gramosa, tambem já fallecido, elevou a 600\$000 reis.

Acha-se constituida uma commissão, a qual, tendo-se já cotado sobre si, tenciona fazer um peditório para custear as despesas da nova capella, que deverá ficar com capacidade bastante para poupar os moradores d'aquellas redondezas ao sacrificio de virem ouvir missa á igreja de S. Victor, que fica a não pequena distancia.

São dignos de louvor os membros da referida commissão iniciadora da construcção da nova capella, que além das commodidades que offerecerá aos habitantes d'aquelle bonito bairro, vae aformosear a estrada d'esta cidade ao santuario do Bom Jesus do Monte.

Conferencia.—A'manhã o sr. di-

rector espirital da Associação Catholica faz na casa da mesma uma pratica aos associados. Começa ás 7 horas da tarde.

Correcção merecida.—Chamamos a attenção dos leitores para a correspondencia que de Villarinho da Castanheira nos envia o nosso esclarecido collaborador A. Barbosa, cavalleiro de provadissimo talento e de variada instrucção.

É forte, porém mercedissima, a correcção que o nosso amigo inflige ao parvoalho *Roque II*, criançola tão soberanamente insignificante, que se não descobre nem a olho armado.

Oxalá que lhe aproveite a lição.

Missa de crequiem.—A missa de «requiem», que, para suffragar a alma do sr. João Joaquim de Carvalho Braga, manda dizer a Direcção do Asylo de D. Pedro V, será dicta no dia 13, e não 11 como foi anunciado.

Catequeze.—A'manhã, pelas 3 horas e meia da tarde, continúa no templo do Collegio das Ursulinas a catequeze popular promovida pela Associação Catholica.

Aniversario funebre.—O ex.^{mo} sr. dr. José Maria Rodrigues de Carvalho offereceu ao Asylo de D. Pedro V a inscripção n.º 122,479, do valor nominal de 100\$000 reis para commemorar o anniversario do fallecimento de seu saudoso irmão João Joaquim de Carvalho Braga.

Siniatros maritimos.—Um jornal francez publica a estatistica seguinte dos siniatros maritimos acontecidos durante o mez de janeiro de 1876, respectiva a todas as bandeiras:

Navios de vela perdidos: 27 navios inglezes, 14 americanos, 13 francezes, 6 allemães, 5 noruegueses, 4 austriacos, 2 dinamarquezes, 2 hispanhoes, 2 gregos, 3 italianos, 2 holandezes, 2 russos, 1 portuguez, 13 de bandeiras desconhecidas. Total 96.

N'este numero comprehende-se 19 navios supostos perdidos, por falta de noticias d'elles.

Navios a vapor perdidos: 2 vapores inglezes, 2 hispanhoes, 1 allemão, um americano, 1 dinamarquez, 1 italiano, 1 sueco. Total 9.

A corôa de Inglaterra.—O mineralogista Fennant acaba de fazer o inventario das pedrarias que adornam a corôa de Inglaterra.

A corôa pesa 1.239 grammas; distinguem-se o enorme rubin que Pedro, o Cruel, deu ao principe Negro, e que Henrique III trazia na batalha de Arincourt; uma grande safira, 16 safiras mais pequenas, 11 esmeraldas, 4 rubins, 1.363 brilhantes, 1.273 rosas, 147 diamantes, 14 enormes perolas em forma de pera, e finalmente 273 outras de menor volume.

A corôa de Portugal tambem possua joias preciosas, mas parece que n'estes tempos de liberdade muitas e das mais valiosas usaram da liberdade de mudar de senhor, e que outras nas viagens continuaram a viajar.

A nós lembra-nos que a imprensa já em tempo fallou n'isto, e até nomeou as fugitivas, e algumas circumstancias da fuga.

São historias que o tempo faz esquecer, mas que permanecem escriptas, diz o «C. da Tarde».

Higiene publica.—Em Inglaterra trata-se tanto a sério da solução do problema da hygiene publica, que o dr. Richardson apresentou ao congresso das sciencias sociaes de Brighton o plano de uma cidade higienica a que se deveria dar o nome de Hygienopolis.

Traçada, construida e sustentada em harmonia com os mais rigorosos principios de hygiene, compor-se-ia de 2:000 casas edificadas sobre 4 mil acres de terreno e poderia conter 100:000 habitantes, isto é, 25:000 por acre.

No projecto faz-se escolha do terreno, attende-se á construcção, á ventilação, ao abastecimento de agua; o auctor combina tudo de modo que a mortalidade não excederia a 8 por cento.

Como é natural, o dr. Richardson chega a fixar as horas de dormir, de comer etc.

Duque de Edimbourg.—É esperado em Lisboa o duque de Edimbourg, quarto filho da rainha Victoria. Tem o posto de capitão de marinha e parece que vem tomar o commando de uma das fragatas da esquadra ingleza que chegou um dia d'estes ao Tejo.

Ao «Diario do Commercio».—Diz-nos o nosso excellente collega do «Diario do Commercio» que o mesmo jornal nos tem sido todos os dias enviado. Não pomos n'isso a minima duvida; o que, porém, sob nossa palavra d'honra podemos

afirmar é que n'esta redacção apenas se receberam um n.º dos primeiros do «Diario», e nenhum mais.

Não nos causa isto estranheza, porque sabemos muito bem como é feito o serviço dos correios portuguezes.

Agradecemos a delicadeza do nosso presado collega.

Jury.—O jury dos exames dos candidatos ao magisterio primario n'este districto é composto dos seguintes snrs.:

Presidente—Luiz da Costa Pereira, commissario dos estudos.

Vice-presidente—Manoel Joaquim Penha Fortuna, professor do lyceu.

João Dias de Araujo.

Carlos Augusto Pinheiro de Almeida, Francisco José de Araujo e Sá.

Manoel Alves de Castro.

João Luiz Correia Junior.

Maria José Soares Pinto.

Anna Maria de Sousa.

Maria Emilia da Costa Maia.

Sistema metrico francez.—A sociedade tecnica imperial russa, acaba de estudar a questão do sistema metrico francez. O relatório lido na ultima sessão presidida pelo príncipe Koutchoubey, conclue a favor da introdução, na Russia, das medidas decimaes hoje aceites em toda a parte, excepto n'este paiz e na Inglaterra. O relator, o snr. Nobel, diz que o povo russo poderá habituar-se á reforma muito facilmente, visto as medidas russas não differirem muito das francezas; aconselha a fazer-se ensinar as novas medidas nas escolas e publicar brochuras acompanhadas de quadros explicativos. Concluiu-se a sessão por se nomear uma comissão especial encarregada de estudar a questão sob o ponto de vista da oportunidade da reforma e dos dos meios de a pôr em pratica.

Theatro.—A companhia hispanhola leva amanhã á scena o drama intitulado *A aldeia de S. Lourenço, ou Simão o veterano* e a comedia *Casa de campo*.

Optima publicação.—Noticia um jornal que o nosso distincto collaborador e amigo, o exc.^{mo} D. Miguel Sotomaior, vae dar á estampa a *Egreja Triunfante no Concilio do Vaticano*, obra traduzida e acrescentada por este notavel escriptor catholico.

Ordens.—S. exc.^a revd.^{ma} confere hoje ordens de diacono e presbitero na capella do Paço.

Sermões.—Amanhã, assim como em todos os domingos da Quaresma, tem de haver na capella do Paço missa cantada pelo exc.^{mo} vice-reitor do Seminario de S. Pedro e no fim sermão pregado por um alumno do mesmo seminario. E' orador amanhã o nosso presado amigo Manoel José da Silva Bacellar, moço distincto e muito intelligente.

A estes actos assistem todos os seminaristas e estudantes do curso superior theologico.

E' de incontestavel vantagem para os que se destinam ao estado ecclesiastico, a medida que o sabio Prelado acaba de tomar.

Doença.—Tem passado mui incommodada, na sua casa dos Arcos, a virtuosa esposa do nosso collega e amigo, o ex.^{mo} M. Marinho de Sousa Barros. Fazemos votos ao ceo pelo prompto restabelecimento da enferma.

As maçãs.—(Conto de Schmid).—Certa manhã descobriu José da janella da sua casa, que dava para a horta do seu vizinho, uma grande quantidade de formosas maçãs espalhadas na relva. Desceu o mais prompto que pôde; introduziu-se no pomar, arrastando-se como a cobra por um boeiro; apanhou muitas maçãs com que encheu os bolsos. Mas apparece o dono, corre para elle com um pau na mão; José dirige-se para o mesmo sitio por onde tinha entrado; mas, oh desgraça! os bolsos cheios de maçã fizeram o ladrão-sinho mais gordo, e por isso ficou entalado no boeiro sem poder sequer mexer-se. Teve que restituir as maçãs roubadas, recebeu uma severa reprehensão por causa do roubo, e os outros rapazes, que souberam do caso, chamavam-lhe o furta-maçãs.—(Extr.)

Portuguezes fallecidos.—Falleceram no Rio de Janeiro, desde 7 a 10 de fevereiro ultimo os seguintes subditos portuguezes:

Joaquim José Fernandes Pereira, 39 annos, casado; Miguel da Silva Ferreira, 21 a., solteiro; Avelino da Costa Oliveira, 13 a.; Joaquim Dias da Rocha, 20 a., s.; Canuto Ribeiro, 23 a., s.; Manoel de Almeida, 23 a., c.; Francisco José da Silva, 53 a., c.; Antonio José Gonçalves, 18 a., s.; José Rodrigues Mo-

reira, 16 a., s.; Francisca Candida, 25 a., solteira; Manoel Lopes Romeiro, 38 a., c.; Ermelinda Medeiros, 20 annos, solteira; Maria de Santo Christo Medeiros, 24 annos, c.; Manoel Duarte, 21 a., s.; Antonio José Borges, 47 a., s.; João Pinto Barboza Junior, 17 a., s.; Joaquim Rodrigues de Brito, 36 a., s.; Domingos Antonio Pereira, 49 a., c.; Antonio Manoel Fernandes, 32 a., s.; Antonio Soares, 25 a., s.; Manoel José de Araujo, 22 a., s.; Claudino de Souza Ferreira, 28 a., c.; Joaquim Ribeiro da Silva, 23 a., c.; Antonio José Martins, 14 a., José Ferreira Junior, 36 a., c.; Thereza Emilia, 30 a., viuva; Joaquim Gonçalves Couto, 26 a., s.; Alexandre Borges de Menezes, 25 a., s.; Joaquim Correia, 32 a., s.

Anuncios curiosos.—Em uma carta da Philadelphia dirigida a um jornal de Madrid, encontra-se os dois seguintes anuncios que se publicaram ultimamente no «New-York Herald»:

Um cavalheiro de idade regular, boa posição e circumstancias remediadas, deseja relacionar-se, para contrahir matrimonio, com uma senhora distincta e bem educada, de prendas estimaveis, nem alta nem baixa, branca, de 23 a 27 annos de idade, boa presença e disposição amavel. Ao mesmo tempo deseja as melhores informações. A resposta ha-de ser completamente confidencial. Dirigir-se ao «Grande», officina do «New-Herald».

—O segundo diz:

Uma senhora de 27 annos, orphã, e nascida no oeste, deseja contrahir matrimonio. E' dotada de prendas estimaveis e é muito formosa. Dirigir-se a «Fidelidade», officina do «New-Herald».

Cachimbos.—Tem-se generalizado muito o uso dos cachimbos. Empregam-se para o seu fabrico diferentes substancias. Os mais ordinarios são feitos com terra argillosa. Os mais caros são de ambar. Tambem são muito apreciados os fabricados com *espuma do mar*, *magnesite*. Os de porcellana são os mais usados na Alemanha. Tambem se fazem de madeira, preferindo-se o buxo, de marfim, de prata, etc. No oriente o tubo do cachimbo é longo e flexivel e termina em embocadura de ambar. Por esta forma, o fumo do opio, do tabaco, e de outras substancias odoriferas chega á boca mui fresco e agradável.

A Alemanha, Hollanda, Inglaterra e França são os paizes que fabricam maior numero de cachimbos. Em Santo Omer, em França, ha duas fabricas, que empregam mais de 1.000 operarios, e que produzem por anno mais de 30 milhões de cachimbos, que não valem menos de 7.000.000 francos. 6 operarios podem fabricar 1:000 cachimbos por dia, escreve o «Comimbricense».

Estabelecimento thermal de Vizella.—Até que finalmente, diz o «Jornal de Cuima-ães», está removido um dos maiores obstaculos que podia embaraçar, por muito tempo, a companhia na realização do seu humanitario intento.

Com verdadeiro jubilo soubemos que os donos dos terrenos destinados ao projectado estabelecimento se accordaram com a companhia para a sua cedencia, e que esta se effectuou nos termos mais rasosaveis para uns e outros.

Ainda bem que assim foi, por que mais cedo tambem veremos levantar-se aquelle importantissimo edificio, que incontestavelmente ha de prestar grandes beneficios á humanidade e cobrir este paiz de gloria por possuir um estabelecimento que em nada desmerecerá dos melhores que existem nos paizes mais civilizados.

E' digna de todos os emboras a companhia pela energia e actividade que tem dedicado aos seus trabalhos, e digna tambem de toda a protecção dos poderes publicos para ultimar quanto antes este grandioso melhoramento.

Noticias de Macau.—O «Jornal de Macau», de 12 de janeiro ultimo, publica o seguinte:

PIRATERIA.—Foi atacada por piratas na proximidade de Macau, uma pequena lancha chinesa, que vinha de Luichao, e depois de saqueada foi abandonada. A canhoneira chinesa «Chienjuie», encontrando a embarcação roubada, trouxe-a a Macau.

Consta-nos que dois dos tripulantes lançaram-se ao mar e morreram afogados. Tres outros ficaram queimados com polvora.

Seria muito conveniente que as nossas canhoneiras cruzassem, de quando em quando, nas proximidades de Macau,

principalmente na presente época do fim do anno chiná.

HONGKONG.—Com prazer trancrevemos do «Hongkong Times» a patriótica carta que appareceu n'aquelle jornal do dia 6 do corrente.

Eil-a:

«Snr. redactor do «Hongkong Times». Senhor! O redactor do «Chinese Mail» parece ignorar que Macau pertence, tanto pela lei consuetudinaria como pelo direito da conquista, á corôa de Portugal, desde que os portuguezes não só expul-saram as autoridades chinezas de Macau, mas conquistaram em combate leal a península até o forte de Passaleão, 3 milhas distante da porta do cerco, que foi arrasada até os alicerces, com as suas muralhas (vide «China Mail, Hongkong Register e Friend of China» de agosto e setembro de 1849).

Desde aquelle tempo o pagamento de 500 taéis que os portuguezes faziam annualmente ás autoridades provinciales desde a occupação em 1557, foi cessado e sobre isto foi enviada a Cantão uma participação pelo conselho do governo, que então emponhava o sceptro governativo, na falta do governador, que foi morto traiçoeiramente por ordem de Siu, então vice-rei de Cantão, tres dias antes da Conquista.

O redactor do «Chinese Mail» tambem diz que «não será de grande valia a pequena força que Portugal poderá enviar contra a China.»

Tenho de lhe dizer que Portugal pôde mandar uma força muito maior do que a de 5:000 homens, apesar do estado da nossa fronteira que está critico em consequencia da guerra fatricida na Hespanha, mas os portuguezes pensam que esta força é sufficiente para contender com o exercito chinéz, muitas mais quando para transporte por terra, para incendiar cidades, e pequenas escaramuças, pode-se obter o serviço dos chinas por um preço barato, graças á falta do orgulho nacional que é desconhecido no Reino do Meio. Se o redactor do «Chinese Mail» é uma excepção da regra, eu lhe recomendaria que empregasse antes a sua energia em evitar a catastrophe do que menospresar o valor d'uma força composta de gente que nunca foi derrotada, apesar de que muitas escaramuças tiveram lugar durante os tres seculos da occupação de Macau.

Agradecendo-lhe pela inserção d'estas linhas, sou seu obediente servo.

D'Aguilar Street, Hongkong, 5 de janeiro de 1876.

YOKOHAMA.—Chegou a esta cidade a corveta china, de instrução «Yang-Wa». Como é o primeiro navio de guerra chinéz que se apresentou n'essas aguas, os chinas residentes n'esse paiz esperavam a sua chegada com anciedade.

A corveta tem a bordo 30 estudantes, aspirantes e guardas marinhas que seguem o curso d'estudos da navegação e outros ramos de sciencias necessarias para serem bons officiaes de marinha. Cursaram os estados em inglez cujo idioma fallam correntemente. A marinhagem é toda chinéza, e não ha um só europeu a não ser o capitão e o instructor.

ULTIMOS TELEGRAMMAS DA AGENCIA HAVAS

MADRID 8.—O «Imparcial» diz que o ministro dos estrangeiros dirigiu ao governo francez energicas reclamações acerca da recepção feita a D. Carlos pelo prefeito dos Baixos Pyreneus. Nadailac estava com fardamento de prefeito quando recebeu o Pretendente. O embaixador hispanhol em Pariz, marquez de Molins, pediu para Madrid que se sollicitasse do governo da França a expulsão do territorio francez dos republicanos hispanhoes alli residentes. A «Gaceta» diz que o rei recebeu em Vitoria um acolhimento entusiasta. Insere tambem um decreto autorizando a regressar a Hispanha os voluntarios carlistas emigrados para França depois do 1º de fevereiro findo, devendo os chefes apresentar o juramento perante os consules hispanhoes. São exceptuados d'esta medida os ministros, deputados, alcaldes, juizes, notarios e empregados civis de D. Carlos. Respondendo no congresso a um discurso de Pidal, ultramontano, o presidente de ministros Canovas qualificou de faccioso aquelle discurso e rebateu energicamente todas as accusações do deputado ultramontano.

MADRID 9.—Canovas tem sido felicitado por muitos deputados em consequen-

cia do seu discurso de hontem no congresso, defendendo calorosamente a monarchia liberal. O rei parte hoje para Bilbao.

PARIZ 7.—Apesar da opposição de Grevy e Jules Simon, os deputados republicanos da esquerda sob proposta de Gambetta reunidos com os da extrema esquerda approvaram a resolução de apoiar unicamente um gabinete homogeneo que queira administrar o paiz em sentido firmemente republicano e em conformidade com o espirito da constituição e a vontade nacional.

VERSALHES 8.—O acto da transmissão dos poderes da assembleia nacional ás novas camaras realisou-se sem incidente algum. Dufaure disse que o presidente da republica o encarregará de declarar que com ajuda de Deus e concurso das duas camaras governaria em conformidade com as leis e para honra e interesse do paiz. O senado procede á tiragem á sorte das suas mezas. Amanhã começará a verificação de poderes. Jules Grevy foi eleito presidente provisorio da camaras dos deputados, qua por unanimidade.

SECÇÃO DE COMMUNICADOS

No dia 14 do corrente tem de ser julgado no tribunal da Povoia de Lanhoso, Narciso Rodrigues Neves, natural da freguezia de Fonte Arcada d'este concelho, pelo crime de morte na pessoa de Marcos Antonio de Barros, d'esta mesma freguezia, cuja morte se deu no dia 8 para 9 de março de 1874. Logo que se verificou o fallecimento, o criminoso fugiu, e tendo a mulher do mesmo criminoso concorrido para animar seu marido a praticar este crime, esta foi responder ao tribunal, mas a pedido de algumas pessoas que se empenharam para com todos os jurados; estes poseram a mulher na rua.

Ha mezes deu entrada na cadeia d'esta villa o referido Narciso Rodrigues, para ser agora julgado: elle mesmo se entregou á prisão, mas só depois de estar tudo prompto com empenhos para este criminoso ser posto na rua.

Consta que os exc.^{mos} snrs. drs. juiz de direito e delegado, já estão ao facto de todos estes passos.

Ha na freguezia de S. Martinho de Travassos um certo individuo que pede muito e muito para que este criminoso seja absolvido, o que não queremos esperar.

Este criminoso que agora tem de se julgado, já é tito e havido por espancador, pois já em tempo lhe deram 2\$000 réis para dar a morte a um homem, e de facto se prestou a fazel-o deixando-o por morto: este homem era da freguezia de S. Gens e logar de Calvos. Tudo isto consta dos papeis do processo.

Esperamos pela decisão do tribunal.

BANCO MERCANTIL DE BRAGA

SOCIEDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Resumo do Activo e Passivo d'este Banco, em 29 de Fevereiro de 1876.

Capital social	1.200:000\$000
Capital actual (1. ^a emissão)	600:000\$000
Capital realisado	480:100\$000

ACTIVO	
Accionistas	119:900\$000
Caixa	22:240\$270
Letras descontadas, tomadas e a receber	207:087\$931
Emprestimos sob penhor	167:459\$410
Operações a longo prazo	8 016\$890
Valores fluctuantes	63:104\$050
Creditos com caução	75:321\$275
Devedores no paiz e no estrangeiro	118:789\$551
Effeitos depositados	97:250\$000
Despezas de installação	3:705\$933
Movéis e utensilios	635\$695
Despezas geraes	1:163\$513
	884:704\$528

PASSIVO	
Capital	600:000\$000
Fundo de reserva	919\$127
Reserva para decima	1:450\$360
Credores d'effeitos depositados	97:250\$000
Depositos:	
a prazo fixo 109:753\$433	
á ordem 53:015\$520	162:768\$953
Letras a pagar	1:118\$568

Credores no paiz	13:308\$176
Dividendo de 1875	2:607\$600
Lucros e perdas:	
Saldo de 1875	1:430\$882
Lucros d'este anno	3:850\$862
	5:281\$744
	884:704\$328

Braga e Banco Mercantil 29 de Fevereiro 1876.

Pelo Banco Mercantil de Braga

Os directores,

José Joaquim Lopes Cardoso.
João da Costa Palmeira.

Resumo do activo e passivo do Banco Commercial, Agricola e Industrial de Villa Real, em 29 de fevereiro de 1876.

Activo

Caixa, dinheiro existente	16:614\$694
Letras descontadas e a receber	632:994\$037
Letras caucionadas	35:564\$000
Obrigações a receber	2:889\$198
Empréstimos sobre penhores	6:428\$533
Operações a longo prazo	13:151\$802
Papeis de credito	15:429\$120
Contas correntes com garantia	11:054\$294
Agentes no paiz	96:429\$753
Agentes no estrangeiro	55:397\$432
Diversos devedores	4:721\$570
Moveis e utensilios	575\$600
Despesas de installação	2:500\$970
Accções, prestações a receber	9:570\$000
	903:321\$025

Passivo

Capital do Banco	800:000\$000
Deposito á ordem	16:400\$535
Deposito a prazo	51:022\$874
Letras a pagar	67:423\$409
Diversos credores	5:258\$898
Fundo de reserva	3:530\$020
Dividendos a pagar	4:500\$000
Ganhos e perdas	6:812\$100
	15:796\$618
	903:321\$025

Villa Real, 3 de março de 1876.

Os gerentes,

Agostinho José da Costa.
João Pinto Ferreira.

THEATRO

DE

S. GERALDO

Companhia dramatica hispanhola sob a direcção do sr. José Rodriguez Sepulveda.

Domíngo 12 de março.

O drama de grande espectáculo em 3 actos e 1 prologo:

A ALDEIA DE S. LOUENÇO, OU SINÃO O VETERANO.

A comedia em 1 acto:

A CASA DE CAMPO.

AGRADECIMENTOS

O general de brigada Plácido de Abreu e sua filha Maria Adelaide de Abreu, agradecem as provas de affectuosa consideração que receberam de muitas pessoas d'esta cidade por occasião do fallecimento de sua esposa e mãe Maria da Graça de Abreu, e protestam o seu reconhecimento e viva recordação.

Similhantes provas de benevolencia foram muito apreciadas, por isso que não se fizeram convites, nem outras quaesquer demonstrações que denegassem a maior humildade, como tinha sido muito expressamente recommendado por quem Deus chamou á sua presença. (3016)

ANNUNCIOS

CAIXEIRO

Precisa-se d'um caixeiro com pratica de drogaria. Quem pretender dirija-se a esta redacção, em carta fechada. (3027)

Venda de accções da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro.

No dia 17 do corrente ao meio dia, na Caixa Filial do Banco do Minho, na rua das Flores, tem de arrematar-se onze accções da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, pertencentes ao casal em liquidação do fallecido Manoel de Magalhães d'Araujo Pimentel; isto por deliberação da commissão liquidataria do mesmo casal.

Braga 9 de março de 1876.

Henrique Freire d'Andrade
Manoel Luiz Ferreira Braga
João Evangelista de Sousa Torres e Almeida (3028)

Officina de carruagens

Largo de S. Francisco

Antonio Ferreira, com officina de carruagens na Companhia Viagem do Minho, faz publico que tendo contractado com a mesma Companhia, trabalhar por sua conta na mesma officina, alli se encarrega de qualquer obra, tanto nova como de concertos, por preços muito rasoveis.

Espera que o publico se utilize dos trabalhos de sua arte, pois que já tem dado provas, não só da barateza, mas tambem da perfeição e segurança d'esse trabalho, pelo qual se responsabilisa. (3029)

ATENÇÃO

Precisa-se de um rapaz com alguma pratica de negocio de tabacos. Quem se achar nos casos queira dirigi-se á Tabacaria Portuense, rua do Carvalho n.ºs 35 e 35 A, tendo bom comportamento faz-se-lhe ordenado quanto mais breve melhor. (3030)

DICCIONARIO POPULAR

Historico, geographico, mythologico, biographico, artistico, bibliographico e litterario

POR UMA SOCIEDADE

DE

HOMENS DE LETRAS

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

O formato do Dictionario Popular é in-quarto a tres columnas. O typo é miúdo, como o de todas as obras d'este genero e o papel da melhor qualidade.

A obra é distribuida em fasciculos de 16 paginas ou 48 columnas com a sua competente capa.

Cada fasciculo custará 100 rs.

Está publicado o fasciculo 14.

O porte do correio é á custa da empresa, de modo que os assignantes das provincias e ilhas adjacentes só teem de pagar 100 réis por cada fasciculo como os assignantes de Lisboa e Porto.

As assignaturas das ilhas são consideradas moeda forte.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao escriptorio da empresa do Dictionario Popular—Rua da Atalaya, 173—Lisboa.

THEATRO DE S. GERALDO

São convidados os snrs. accionistas d'este theatro a comparecerem no salão do mesmo, no dia 12 do corrente, ás 12 horas da manhã, a fim de elegerem nova direcção e bem assim tratar do arrendamento dos camarotes n.º 17 de 2.º ordem e 8 da 1.ª e procederem ao mais que seja necessario, em conformidade com os estatutos.

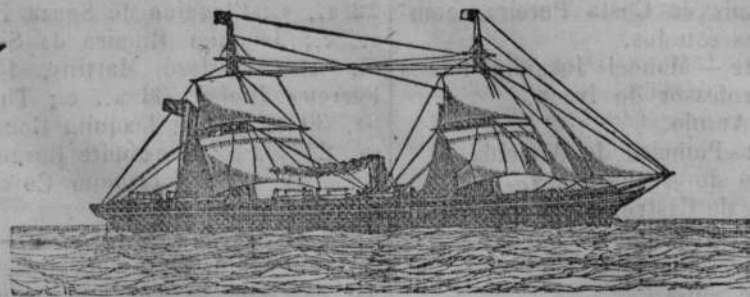
Braga 8 de março de 1876.

Visconde de Pindella
J. Freire. (3026)

Em 13  Em 28

MALA REAL INGLEZA

(INCORPORADA POR CARTA REAL)



LINHA QUINZENAL DE PAQUETES A VAPOR

Para S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos-Ayres

Accelando tambem passageiros de 3.ª classe para SANTOS e RIO GRANDE DO SUL com trasbordo no Rio de Janeiro

PAQUETES A SAIR DE LISBOA

GUADIANA	28 de Março	ELBE	13 de Maio
DOURO.	13 de Abril	MINHO.	28 de Maio
MONDEGO.	28 de Abril	NEVA	13 de Junho

PREÇOS COMMODOS

Cada paquete d'esta companhia leva a bordo criados e cozinheiros portuguezes para commodida dos passageiros de todas as classes.

Sendó as passagens pagas na Agencia Central no Porto ou em qualquer Agencia provincial, a condução para Lisboa é por conta da Companhia.

A bordo os passageiros teem gratis cama, roupa de cama, comida feita por cozinheiros portuguezes, vinho duas vezes por dia, assistencia medica, serviço de criados e outras despesas.

A EXPERIENCIA de mais que um quarto de seculo tem feito com que os paquetes d'esta companhia (a mais antiga na carreira do Brazil) sejam conhecidos pela regularidade, velocidade e segurança excepcional; além d'isso pela limpeza, boa ordem, bom tratamento e accomodações a bordo, e pelos melhoramentos mais modernos tanto para a hygiene como para a commodidade dos passageiros.

ISTO É COMPROVADO pela grande concorrência que teem de passageiros e pelos agradecimentos de mais de mil e cem passageiros d'entre elles feitos por escripta como consta de documentos archivados em varias agencias.

SÃO ESTES OS PAQUETES preferidos pelo Governo Inglez para a condução das suas malas do correio, e por este serviço recebe a companhia um importante subsidio.

TIVERAM ESTES PAQUETES a honra de conduzir Suas Magestades o Imperador e Imperatriz do Brazil, como tambem S. A. o Infante D. Augusto.

TODAS AS INFORMAÇÕES e bilhetes de passagem podem ser obtidos no PORTO na AGENCIA CENTRAL, rua dos Inglezes, 23; o agente GUILHERME C. TAIT; e nas provincias nas agencias e correspondencias estabelecidas em todas as principaes cidades e villas.

Agente em Braga o sr. João Manoel da Silva Guimarães, Rua do Souto.

DECLARAÇÃO

Antonio Rodrigues Ribeiro, d'esta cidade de Braga, declara que nada deve a pessoa alguma de qualquer praça do reino. Quem se julgar seu credor queira apresentar suas contas dentro do praso de 8 dias, a contar da data d'esta declaração, que faz publica para os devidos effeitos.

Braga 11 de Março de 1876.

Antonio Rodrigues Ribeiro.

Quem quizer comprar uma morada de casas de dous andares, com seu quintal, designada pelo n.º 47, sitas no logar da Senhora A Branca, d'esta cidade, póde fallar com Bernardo da Cunha Pinto Barbosa, solicitador de Causas, morador na rua Formosa d'esta mesma, que está auctorizado para tratar da sua venda. (196) (3019)

Vende-se uma morada de casas sobradadas sitas na Travessa Nova, das Carvalheiras, d'esta cidade, designadas com o n.º 1 e 1 A. Quem pretender, póde fazel-o em carta fechada dirigida á redacção d'este jornal, com as iniciais J. J. L. (3021)

Aforam-se ou vende-se

Quatorze terrenos com 30 palmos de frente e 170 p. de fundo, na rua Nova da Senhora A Branca. Para tratar, á rua do Conselheiro Januario, n.º 97, com seu dono João Manoel Pereira. (3013)

BANDA DOS ARTISTAS

Constando ao abaixo assignado, mestre da banda dos «Artistas», que alguém procura propalar que esta banda se acha desorganizada, declara que isso não passa de um boato insidioso, e que ella continúa a funcionar, ainda com mais numero pessoal do que até hoje tinha, bem como o abaixo assignado continúa sendo o mestre da mesma.

(3024) Lourenço José Moreira.

Monte-pio de S. José

Por ordem do ill.º sr. presidente da Direcção são convidados os snrs. socios que estiverem nas circumstancias e queiram concorrer ao concurso para o logar de escriptorario, dirigindo suas propostas em carta até ao dia 13 do corrente: os livros acham-se patentes em casa do sr. Antonio Pereira da Silva Braga, para os que pretenderem, poderem examinar.

Braga 8 de março de 1876.

O secretario,

(3023) Manoel Antonio Pereira.

Na rua Nova do Becco, n.º 8, troca-se a 30 libras um rico sanctuario. A cruz é de pau preto, a imagem de marfim e os accessorios de prata. (3020)

Vende-se uma morada de casas situada na rua da Ponte, com o n.º 91. Ve-se das 3 ás 4 da tarde. Quem a pertender falle com Antonio dos Santos de Azevedo Magalhães. (2981)